

Apresentação

Lenin Pires e Paula Pimenta, *Editores*

Análise é uma iniciativa editorial do Laboratório de Estudos sobre Conflitos, Cidadania e Segurança Pública. Assim como todas as outras atividades e projetos do **LAESP**, *Análise* se inscreve no esforço maior e coletivo de dar continuidade ao processo de construção da Universidade e da Pesquisa no Brasil. No *Análise*, tal esforço é ampliado pela abertura à colaboração diversificada - que inclui ensaios, análises de conjuntura, notas técnicas, relatos, entre outros -, com vistas à difusão de informações e interpretações qualificadas sobre o momento presente do país e, quiçá, do mundo. Tal disposição pretende aproximar a análise do contemporâneo à atividade editorial voltada para discussões acadêmicas, segundo critérios capazes de estabelecer conexões entre o debate público e o científico, de mais de mais longo prazo, tradicionalmente conduzida através da publicação de dossiês temáticos.

Trata-se, portanto, de um espaço de publicação aberto a todas as intervenções que avancem o compromisso intelectual de explicitar o que, por vezes, parece invisível. Embora típica do comportamento do cientista, dedicado a desenvolver as capacidades de ver e evidenciar o que está oculto, muitas são as práticas sociais capazes de colaborar com tal tarefa. Logo, não nos parece próprio fomentar qualquer forma de monopólio corporativo, disciplinar ou institucional para seu exercício. Por este motivo, ao lado dos critérios formais regulares, o único crivo substantivo adotado na seleção dos textos que publicamos é que a escrita intervenha sobre o que está em branco e explicita o que foi invisibilizado ou silenciado.

Participam da construção de *Análise* pesquisadores do **LAESP** em diversas etapas de formação. Da mesma forma, qualquer pessoa que partilhe dos mesmos interesses intelectuais terá seu trabalho recebido e avaliado pela equipe editorial de *Análise*, desde que tenha sido observado o critério acima referido.

A diversidade *das* formas adotadas por autores com diferentes inscrições não compromete a unidade de *Análise*. Seu conteúdo se compõe de intervenções sobre temas e problemas cuja centralidade contemporânea move os autores que, ao informarem os leitores, se fazem também atores. A unidade do acervo de *Análise* expressa-se na orientação, presente em todas as intervenções, de que o pensamento deve ser contemporâneo da ação.

Quanto à forma das intervenções, merecem comentário a do ensaio e a da análise de conjuntura. Em lugar de acolher apenas as formas 'seguras', como as prescritas pela 'boa prática acadêmica',

aquele que se lança à experiência de escrever um ensaio se vê responsável por todas as decisões que compõem o texto. Dessa forma, o autor poderá se abrir às demandas postas pelo conteúdo da interpretação que, então, comunicará ao leitor – o qual obterá do ensaio muito mais do que informações. Por seu turno, a tradição da análise de conjuntura, embora mais dura, trata de temas cuja urgência é contemporânea da escrita. Se pensamento e ação caminham juntos, o tratamento dos problemas do momento demanda esforço analítico. Assim, a forma da análise de conjuntura cristaliza a exigência de fazer a vida intelectual estar em permanente contato com práticas de intervenção.

É urgente contribuir para mudar o mundo.

Os membros do **LAESP** fazem pesquisa em sentido estrito. Mas mantém animadas práticas conhecidas como características do trabalho do intelectual público. A adoção de formas pelas quais este último se reconcilia com a sua específica competência para agir, capacita-o para conter a ampliação do paradoxo característico do nosso tempo: a urgência da ação transformadora é mais veloz do que a oportunidade para agir. Diante da contradição, muitos dos homens e mulheres dedicados ao pensamento se veem instados a desistir.

Nós do LAESP, não.

Entendemos a atividade do intelectual público como uma forma de resistência.

Ao constatarmos que, talvez, já não haja tempo suficiente para toda a transformação necessária, ainda assim somos movidos para a ação. Neste ponto, operam duas orientações centrais. A primeira delas é a constatação de que, num ambiente social como o nosso, em que apenas a capacidade de naturalização está à altura das asperezadas circunstâncias, parece caber ao pesquisador treinado mobilizar as tecnologias analíticas que aprendeu a controlar para servir a seus contemporâneos, explicitando aquilo que as muitas formas da opacidade têm obtido tanto sucesso em encobrir. A segunda é um desdobramento da primeira.

De certa forma, impõe-se ao intelectual público oferecer a seus contemporâneos aquilo cuja promoção caberia aos espaços de formação política, os quais foram indignamente atacados e, finalmente, fechados ao longo da última década. Às consequências da indisponibilidade de espaços de construção da consciência atribuímos boa parte dos obstáculos que hoje enfrentam as democracias.

Como pesquisadores, parece caber a nós a tarefa de encampar mais esse desafio. Pois é o pesquisador quem pode, pelos atributos que construiu, atravessar as muitas camadas de opacidade depositadas sobre a experiência por aqueles que fazem da dominação o seu ofício.

Para, com isto, devolver aos atores o que, afinal, a eles pertence: o horizonte da agência sobre o mundo.

Um ator que não dispõe da específica consciência que é necessária para a ação pode, no próximo segundo, alcançá-la. Mas apenas se estiverem presentes as condições. Queremos participar deste processo e, tanto quanto possível, partilhar experiências que ampliem a dimensão da agência dos sujeitos sociais sobre os “esquemas” ou “estruturas” que lhes impõem a inação. E, embora seja uma iniciativa começada e tocada por pesquisadores, concebemos *Análise* como um espaço aberto, inclusive para a ciência, mas cujo único critério é aquela urgência.

A escolha do nome dado à publicação pretende jogar com o significado do espaço frequentado por tantos de nós, o qual é destinatário, portanto, do nosso reconhecimento. Mas pretendemos também aludir ao psicologismo presente nas análises de colegas que acertadamente, mantém uma atividade de intelectual público e, não obstante, equivocadamente, descuidam de explicitar as origens – quase sempre, de classe – e o sentido – quase sempre de neutralizar o conflito – de uma ordem social injusta. Não se trata de recusar a dimensão subjetiva dos fenômenos, o que, da tradição marxiana, é algo que majoritariamente não subscrevemos, mas de não silenciar quanto às causas objetivas que se impõe à subjetividade, que devem ser explicitadas, condicionantes ideológicos e perversos que levam os homens a servir a sua própria dominação. O problema de silenciar sobre origens e sentido do fenômeno descrito, identificando o que a subjetividade sofre com o que ela produz, é o perigo de incorrer naquilo que Pasolini, aludindo a Hegel, chamou de consciência infeliz. Esta, deixada sem vigilância, opera uma espécie não muito refinada de recondução daquilo que nos chama à atenção ao que é de interesse explicitar, quando não denunciar e, em todo caso, jamais subscrever: o programa de tolerância das instâncias das quais emanam as verdadeiras causas dos fenômenos por cuja descrição e análise somos responsáveis.

Niterói, julho de 2020